

Lição 20 - Olfato. Como Ocorre

TEXTO 421b8-422a7 - LIVRO II, CAPÍTULO IX, CONTINUAÇÃO

OLFATO. COMO OCORRE

O olfato também ocorre através de um meio, que é o ar ou a água. Pois os animais aquáticos também parecem perceber odores, tanto os com sangue quanto os sem, como os animais que vivem no ar; pois alguns deles percorrem longas distâncias em busca de alimento, sendo atraídos por ele através do olfato. §§ 491-5

Assim, parece haver uma dificuldade. Se as operações do olfato são do mesmo tipo, o homem, no entanto, cheira ao inalar: ao expirar ou prender a respiração, ele não cheira nada, nem à distância, nem de perto, nem mesmo se o objeto for colocado dentro do nariz. (Que uma coisa seja imperceptível quando colocada sobre o próprio órgão da sensação é, de fato, comum a todos, mas ser incapaz de perceber sem respirar é peculiar ao homem. Isso é evidente para aqueles que fazem a experiência). Visto que, então, os animais sem sangue não respiram, eles pareceriam ter algum outro sentido além daqueles que já foram mencionados. § 496

Mas isso é impossível, se é o odor que eles percebem. Pois o sentido para odores, bons ou maus, é o olfato. Além disso, eles parecem ser vencidos pelos mesmos odores fortes que o homem, como asfalto, enxofre e similares. Portanto, mesmo que não respirem, eles devem cheirar. §§ 497-8

Ora, esse sentido parece diferir entre o homem e outros animais, assim como os olhos humanos diferem dos olhos duros de alguns animais. Os primeiros têm uma cobertura ou proteção, as pálpebras, e a menos que estas sejam movidas ou retiradas, não se vê. Animais de olhos duros não têm nada disso; eles veem imediatamente o que quer que esteja presente no meio transparente. Da mesma forma, então, o órgão do olfato em alguns animais é como um olho sem cobertura; em outros, que inalam ar, ele tem uma cobertura que é retirada quando respiram e, assim, distendem as veias e poros. E por esta razão, os animais que respiram não cheiram na água. Pois eles precisam respirar para serem afetados pelo odor, e não podem fazer isso em um líquido. § 499

O odor é de coisas secas, assim como o sabor é de líquido; e o órgão do sentido do olfato é tal em potência. § 500

COMENTÁRIO DE SÃO TOMÁS

LIÇÃO VINTE

§ 491. Após concluir sobre o odoroso como tal, o Filósofo trata agora de seu impacto no sentido; e primeiro, quanto ao meio; em segundo lugar, em 'O odor é de coisas secas', quanto ao órgão do sentido do olfato. Quanto ao primeiro ponto, ele faz duas coisas. Primeiro, indica o meio do órgão do olfato; em seguida, em 'Assim, parece haver uma dificuldade', levanta uma questão sobre a conclusão alcançada.

Primeiramente, então, ele observa que o órgão do olfato é afetado pelo odoroso através de um meio, i.e., ar ou água. Que o ar é um meio do olfato é óbvio, pois cheiramos através do ar. Portanto, precisamos apenas provar que a água é tal meio. Isso ele mostra pelo fato de que os animais aquáticos, e não apenas os sanguíneos, mas também os não sanguíneos, percebem odores, como os animais que vivem no ar. Um sinal disso é que alguns deles percorrem uma longa distância em busca de alimento, o que não poderia acontecer a menos que fossem atraídos pelo cheiro – como os abutres, que se diz virem de longas jornadas até a carniça. Mas como exatamente o cheiro se difunde a tal distância no espaço não é certo.

§ 492. Uma opinião que alguns sustentaram deve ser notada aqui: que toda sensação se consuma em uma espécie de tato; um contato, eles disseram, deve ocorrer do sentido e do objeto sensível; mas não da mesma forma na visão como nos outros sentidos. Pois eles disseram que, da visão ao objeto visto, certas 'linhas visuais' procedem; e que quando estas tocam o objeto, ele é visto; enquanto que, no caso dos outros sentidos, ocorre um processo inverso, e o objeto sensível vem até a faculdade. Isso (eles disseram) é particularmente óbvio no paladar e no tato, que percebem por uma espécie de contato; e pareceria ocorrer também na audição, que implica um movimento do ar até o ouvido; e também no olfato; – pois eles sustentavam que os odores são transmitidos ao sentido do olfato por uma espécie de fumaça que os corpos exalam por evaporação.

§ 493. A razão pela qual esses primeiros pensadores traçaram essa distinção entre dois modos de sensação parece ter sido que eles não tinham teoria ou percepção de uma modificação espiritual de um meio, mas apenas de uma material. Ora, uma modificação material do meio é evidente em todas as sensações mediadas, exceto na visão: pois, obviamente, odores e sons são transportados ou impedidos pelo vento; o que certamente não é o caso com a cor. Além disso, em uma mesma seção de ar podem aparecer cores contrárias, como quando um homem vê branco e outro vê preto ao mesmo tempo e através do mesmo ar; o que não ocorre com o odor, pois odores contrários se impedem mutuamente, mesmo no meio. Portanto, nada sabendo sobre o modo como o objeto visível afeta o meio, esses filósofos sustentavam que a visão era conduzida até a coisa vista; enquanto, observando em outras sensações as mudanças que ocorriam no meio, acreditavam que, nesses casos, os objetos sensíveis vinham até o sentido.

§ 494. Mas é claro que isso não pode ocorrer no olfato. Quando abutres sentem o cheiro de carniça a uma distância de cinquenta milhas ou mais, isso não pode ser devido a qualquer evaporação corporal da carniça sendo difundida por um espaço tão grande. Isso é ainda mais evidente se considerarmos que um objeto sensível afeta seu meio pela mesma distância em todas as direções, se não for impedido. Não haveria objeto suficiente para ocupar tanto espaço, mesmo que todo o cadáver evaporasse; pois há um limite fixo de rarefação para todos os corpos naturais — a raridade do fogo; e, em todo caso, e especialmente, o cadáver pode cheirar e ser cheirado dessa maneira sem ser sensivelmente alterado.

§ 495. Somos, portanto, obrigados a dizer que qualquer vapor gasoso que venha de uma substância odorífera não alcança o ponto onde o odor é percebido; mas que, além do ponto alcançado por esse vapor, a substância afeta o meio "espiritualmente". Que tal modificação "espiritual" do meio seja efetuada pelo objeto da visão mais do que pelos dos outros sentidos se deve ao fato de que, por suas qualidades visíveis, os corpos corruptíveis participam do modo de ser dos corpos incorruptíveis; portanto, essas qualidades existem de maneira mais formal e nobre do que os outros objetos sensíveis que são próprios aos corpos precisamente como corruptíveis.

§ 496. Então, em "Parece haver uma dificuldade", ele apresenta um problema sugerido pelo que vinha dizendo; trazendo objeções, primeiro de um lado e, depois, em "Mas isso é impossível", do outro; até que, em "Agora, este sentido parece", ele fornece uma solução.

Primeiro, então, ele observa que é duvidoso se todos os animais cheiram da mesma maneira, como tendo exatamente o mesmo sentido do olfato (animais aquáticos, por exemplo, cheiram através da água). Parece que não, de fato. O homem cheira quando inspira ar, mas quando está exalando ar ou prendendo a respiração, não consegue cheirar nada, nem à distância nem perto do objeto, mesmo que este seja colocado em seu nariz. Ora, que o objeto seja imperceptível se colocado diretamente contra o órgão do sentido é, claro, comum a todos os sentidos em todos os animais; mas que odores sejam imperceptíveis sem respiração é peculiar ao homem, como mostra a experiência. E como animais não sanguíneos não respiram, pareceria seguir-se que eles têm algum sentido diferente do olfato e dos outros sentidos atribuídos ao homem.

§ 497. Então, em "Mas isso é impossível, se é odor que eles percebem", ele apresenta dois argumentos do outro lado. (1) Os sentidos são distinguidos de acordo com seus objetos; e, como o olfato é o sentido dos odores, sejam bons ou maus, e estes são percebidos tanto por animais que respiram quanto pelos que não respiram, segue-se que o sentido do olfato no homem e nesses animais é o mesmo.

§ 498. (2) As mesmas coisas são destrutivas para os mesmos sentidos: a visão não sofre com sons, nem a audição com cores. Mas os animais que não respiram parecem sofrer em seus sentidos com os mesmos odores fortes e opressivos que são prejudiciais ao homem, por exemplo, betume (um composto do suco de ervas), enxofre e similares. Portanto, outros animais, mesmo que não respirem, têm um sentido de olfato como o homem.

§ 499. Em seguida, em "Agora, este sentido parece diferir", ele propõe sua solução: essa diversidade no modo de respirar se deve, diz ele, não a uma diferença nos sentidos, mas a diferentes constituições do órgão; o órgão do olfato no homem sendo diferente do de outros animais, assim como os olhos de um homem diferem dos olhos duros de certas bestas. O olho humano tem uma cobertura protetora ou invólucro chamado pálpebra, que deve ser removida para que um homem possa ver. Isso não ocorre com animais de olhos duros; eles veem imediatamente o que quer que apareça no meio transparente. E assim é com animais que não respiram; seu órgão olfativo está descoberto; enquanto o dos animais que respiram está coberto até que os poros sejam dilatados no ato da respiração. Estes últimos, portanto, não podem cheirar através da água; pois não podem respirar nela.

§ 500. Então, em "Odor é etc.", ele indica o órgão do olfato, dizendo que, como a base do odor é a secra (assim como a do paladar é a umidade), o órgão do olfato deve estar em potência para o

odor e a secura (assim como o da visão está para as cores e a luz).

Revision #1

Created 4 October 2026 19:51:38 by Admin

Updated 4 October 2026 19:52:29 by Admin